ANO 23.º—Número 1180 • O Jornal de maior expansão e defensor dos interesses de Guimarães • Domingo, 22 de Agosto de 1954

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4313

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão:
TIP. IDEAL
Martins Sarmento
Guimarães

GUIMARÃES na ÍNDIA

No Mosteiro de Belém, naquele santuário da Pátria erguido à glória do descobrimento da India, foram os portugueses nesta hora memorável de inquietação nacional erguer preces pela integridade da Nação Portuguesa.

Subindo ao púlpito um grande orador, ele soube interpretar o canto camoneano, onde o épico, em versos de oiro, nos rememora a India.

Ressoaram ao longo das formosas e altas naves deste monumento as estrofes dos Lusíadas. A oração que se seguiu, em litânia revoante, ganhou em sentido patriótico. Precedendo o sacerdote cada «mistério» com a exaltação do culto mariolático, tal como os portugueses das Conquistas e Navegações o praticavam, abriu a série dessa evocação de fé antiga rememorando Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães.

Compreende-se como um filho de Guimarães, assistindo, — embora junto de um aparelho de rádio — a uma tal celebração, se houvesse emocionado ao ouvir pronunciar a efeméride alusiva à Padroeira da sua terra.

Na evocação do sacerdote, em Belém, o seu pensamento observou a verdade histórica. No velho culto mariolático dos portugueses foi Santa Maria de Guimarães — a primeira.

Depois, no seguimento da oração, o sacerdote ia evocando — Santa Maria de Belém, Santa Maria da Batalha, Santa Maria de Alcobaça, Santa Maria de Vila Viçosa.

Trajectória, ciclo mariano aliado aos fastos assinalados da História, onde refulge, em sonho de maravilha, a India.

Assim, acompanhando em espírito o acto religioso e nacionalíssimo do Mosteiro de Belém, viera ter connosco o jornadeio dos filhos da nossa terra por aquelas e outras regiões de além-mar...

Em um livro da era de Seiscentos registam-se duas verbas de despesa, bem significativas do portuguesismo dos nossos conterrâneos de antigamente votados à aventura.

Reparemos:

«*Com 17 varas de pano de linho. .* 1.920
«*De pintar a imagem da Senhora* 2.000

Esta imagem era Nossa Senhora da Oliveira,

Depois da bandeira confeccionada, foi na igreja da Colegiada benzida a signa que acompanhou homens de Guimarães votados à campanha homérica da dilatação da Fé e do Império, — porventura em Diu, Damão e Goa, as mesmas terras estranhas da India que agora nos chamam à liça, para que não deixem de ser portuguesas.

Guimarães, pelo seu remoto passado, ontem como hoje, está presente à chamada.

E' que, tal como em Aljubarrota, em Ceuta, no Salado, também na India os filhos de Guimarães desfraldaram o seu estandarte com a Imagem da Padroeira.

Não são os vimaranenses os únicos portugueses que se orgulham da sua devoção patriótica. Tantas outras terrinhas portuguesas contam na sua história feitos memoráveis a esmaltar os seus brasões. Se recordo aqui a oração do sacerdote no Mosteiro de Belém, nesta conjuntura, é porque é grato ao meu espírito ver que Guimarães tomou no passado um lugar de destaque nas glórias da Pátria. E são *os conhecedores da História Nacional* quem dão vulto a essa posição excepcionalíssima de Guimarães.

Os escritores vimaranenses da minha geração como João de Meira, Alfredo Pimenta, Eduardo d'Almeida, Vieira Braga, todos deram relevo, todos se referem ao papel desempenhado pelos vimaranenses na conquista, defesa e manutenção do território da India.

Na minha obra *Santa Casa*, registo as relações mantidas entre a Misericórdia de Goa e a Misericórdia de Guimarães, nas quais avultam nomes de vimaranenses que por terras da vasta India pelejaram, mercadejaram, trabalharam, alguns legando os seus espólios à terra mãe.

Por tudo isto se compreende como eu, auscultando junto do aparelho de rádio o acto religioso celebrado em Belém, me emocionasse ao ouvir o eloquente orador desse memorável acto de fé, naquele momento em que na odisseia mariana fulgurava em primeiro lugar — Santa Maria de Guimarães.

A. L. DE CARVALHO.

A MARCHA DOS «SATYAGRAHIS»...

Os factos esporádicos que se registaram no dia 15, em possessões portuguesas na India, provocados pelas hordas famintas de Nehru, como que a justificarem a tentativa de uma «libertação» tão proclamada, coadunam-se perfeitamente ao valor dos sequazes e cabecilhas e ao aspecto de um movimento sem consistência moral e jurídica.

Não vale a pena discorrer sobre causas que se situam num plano de clarividência e dão a Portugal a primazia indiscutível do Direito absoluto. Essas causas já o mundo as conhece — e seria cegueira ou estultícia negá-las. Baseiam-se em realidades étnicas, rácicas e históricas, dando estrutura a uma soberania que suplanta a eufonia dum nacionalismo hodierno e heterogéneo que, à sombra de pacíficas intenções, pretende consumar a arbitrariedade inqualificável de violenta usurpação.

A marcha de «libertação» sobre Goa, se não tivesse, como alguém disse, motivos de uma gravidade latente, poderia classificar-se de autêntica fantochada...

Nestes êxitos não pensou Gandhi, depois da sua campanha primeira do «Satyagraha» e do aplauso místico da bela Sarojini...

Lá apareceram os traidores a instigar as hordas arregimentadas de seres famintos — párias e desempregados, que embora seduzidos por umas tantas rupias, só tarde se aperceberam do logro em que caíram.

Triste arremedo de uma exaltação pacífico-patriótica, que envolveu os míseros «satyagrahis», imolados à sanha de alguns traidores e ao capricho imperialista do discípulo dilecto de Gandhi.

Os pobres marcharam — um número insignificante — sobre Goa, num fiasco de heróicidade comensurável, atirados para a aventura trágico-cómica pelos traidores célebres que lhes arengaram direitos e promessas em eloquência atrabiliária, com feitos de coragem inaudita, deixando as costas a bom recato...

A cobiça de Nehru, atropelando direitos e razões, é manifesta — e é fácil verificar a sua intransigência no intento de consumação do roubo, à laia de reivindicação.

Dadrá e Nagar-Aveli, com a prisão dos bravos tenente Marinho Falcão e capitão Fernandes Fidalgo, estão definitivamente sob a garra das feras furibundas.

O perigo, na India, continuará a existir. Assim se deduz pelas recentes afirmações do Pandita.

«E' absolutamente certo que esta parte da India ficará livre. Goa será libertada e integrada na livre India. Portugal disse que Goa lhe pertence, mas é uma voz que tem 400 anos de velha».

Estamos, porém, convencidos, que continuarão a existir, de igual maneira, a formidável exaltação e a inquebrantável unidade do Povo português, nesta emergência, disposto ao sacrifício e à luta viril, em momento tão histórico da sua vida.

Estão em curso negociações diplomáticas. Oxalá elas seguissem um rumo seguro de paz e boa compreensão. Mas, como disse há pouco o Ministro dos Negócios Estrangeiros, «as condições essenciais para que essas negociações se façam, são as seguintes:

1.º — Que não se versem assuntos que dizem respeito à soberania portuguesa ou à ordem jurídica portuguesa;

2.º — que se faculte às autoridades portuguesas o acesso aos territórios que formam enclave na União Indiana e se encontram hoje em situação de usurpação».

Isto é essencial e à margem destas condições torna-se impossível qualquer discussão. A dignidade do Povo português, a sua honra e o seu brio e a sua vida de oito séculos, não admitem enxovalhos de míseros «satyagrahis...

S. M.

MAR

Por *Aurora Jardim.*

Quereria
deitar-me
junto ao mar.

Na areia úmida
e rente à espuma.
Por travesseiro,
o sargaço,
Por céu
uma estrela.

Em redor,
todo o mundo
a palpitar.

Tudo silêncio,
eu a chorar.

Amor tão fundo,
saudade infinda!
O mesmo céu
que é meu e teu.
Distância longa
que é escuridão.

Vai a boiar,
meu coração!

De vaga em vaga,
a tua voz
pareço ouvir
a chamar por mim.
Vem de tão longe
Pra lá do mar,
do mar sem fim.

Asa do vento,
fio de luar,
fulgor
de estrela,
rumor
cintilante,
luz
do pensamento...
Trazei-me o filho
que é mareante.

Anda nas águas do mar!

A HOMENAGEM aos organizadores da Marcha Gualteriana

Está no espírito de toda a gente de Guimarães a homenagem, em projecto, aos valorosos elementos que levaram a efeito de novo e com aquele esplendor que todos pudemos apreciar e louvar, a **MARCHA GUALTERIANA** — número imprescindível nas Festas da Cidade e que por si só continua a atrair a Guimarães incalculável número de forasteiros.

A. L. de Carvalho veio pessoalmente dizer-nos que está de «alma e coração» com essa justa consagração. Registamos, pois, a sua adesão e também o que nos sugeriu, para que a festa de homenagem seja, realmente, uma manifestação de apreço a esse grupo de devotados bairristas.

E o sr. dr. Francisco Moreira Sampaio, que nos procurou para dizer que acha «justíssima» a homenagem e a ela se associa, entregou-nos também quatrocentos escudos para quaisquer despesas dessa festa.

Ainda não está marcado o dia para o jantar de homenagem. Mas desde já se aceitam inscrições, cujo preço anunciaremos oportunamente.

Vamos, pois, louvar o esforço dos organizadores da Marcha e dar-lhes ânimo para que, em futuros anos, continuem a trabalhar por Guimarães.

Administração local

Desde tempos velhos e revelhos que a Administração local desempenha um papel de preponderante relevo como factor de acentuado progresso, sempre que a mesma seja orientada nesse sentido.

Em terras grandes ou pequenas, a acção do Município e a da própria Junta de freguesia podem ser alavancas muito poderosas da prosperidade dos respectivos povos, uma vez que, quer um quer outro desses órgãos da Administração local se encontrem integrados na sua verdadeira função de bem administrar e bem compreender o imperativo da sua finalidade.

Porém, para que assim suceda, torna-se necessário que desses Corpos Administrativos façam parte pessoas de reconhecida idoneidade em todos os aspectos das responsabilidades que assumiram ao aceitarem os cargos em que foram investidos.

A este respeito, vem a propósito a transcrição de alguns períodos de um artigo que há tempos nos chegou às mãos e que tinha sido publicado num Diário da capital. São os seguintes:

«O bom entendimento da «administração local» tem uma influência por assim dizer primária na vida da Nação!

Uma «região» com possibilidades — bem administrada, devidamente fomentada, meticulosa no desenvolvimento da sua cultura e no progresso da sua economia, solicitamente assistida na saúde do seu povo, atenta aos meios de vida pelo aproveitamento das suas forças naturais, solo, aptidões e trabalho — sem dúvida que há-de conribuir eficientemente para o engrandecimento nacional...

Na vida portuguesa, de muito longe, vem considerando-se aquela «administração parcelar» como uma verdade sumária que importa considerar e, em leis administrativas próprias — desde 1832, pelo menos — vêm compendiando-se regras e «bases» especiais que orientem as respectivas gerências, obrigantes de iniciativas circunspectas, de estudo aturado, por parte dos vereadores eleitos, procurando numa sabedoria de «procônsules», um empenho de respeito e progresso dos cidadãos, servindo, acima de caprichos, de vaidades num rasgado e liberal sentido de inteligência colectiva.

Por isso se deve, antes de mais, entender que a primeira riqueza da «região» é constituida pelo seu povo — para onde devem pender os primeiros cuidados — facilitando-lhe os meios, aproveitando-lhe as aptidões, assegurando-lhe o trabalho, numa perspectiva de continuidade colectiva, pondo em causa valores, morais e materiais, na freguesia, no concelho, no distrito, consolidando a posição do indivíduo como a mais perfeita garantia do aglomerado social e eficiência do conjunto, apurando ao máximo a contribuição de todos os valores, materiais ou humanos.»

Embora o artigo em questão seja bastante extenso, apenas transcrevemos os períodos que mais nos interessam para avivar e completar o nosso pensamento ao abordar este assunto e ainda para aproveitar a seiva dos oportunos conceitos contidos nos mesmos. Evidentemente, que os melhoramentos promovidos pelas Autarquias locais não se limitam, apenas, ao engrandecimento do concelho ou da freguesia, mas, pelo contrário, contribuem para o bem-estar nacional e, portanto, projectam-se no horizonte da vida económica do próprio país.

No entanto, para isso se conseguir, torna-se necessá-

Continua na 2.ª página

FESTAS DA CIDADE

Não posso faltar a elas. Enquanto Deus me der vida e saúde, na ocasião própria lá estarei.

E' que essas festas são inconfundíveis. Inconfundíveis, e não só pela Marcha final, mas por tudo o que se vê e nota principalmente nos que são da cidade, que sem incorrer em gestos de indisciplina e exploração, fazem todo o possível por receber os hóspedes com fidalguia e aprumo. Não aparecem por cá esses vendeiros do Sul, faladores e atrevidos, que podemos ver no Bom Jesus de Matosinhos e até em Fátima. Guimarães sustenta-se com a prata da casa, cá tem as suas estalagens e tabernas, dispensa bem os exploradores de longe, sempre atrevidos nas contas que apresentam e desbocados na linguagem. S. Gualter afaste das nossas festas essa hedionda praga. Cá temos os nossos marchantes, os nossos padeiros, os nossos comerciantes e negociantes, não precisamos de aves de arribação, sempre perigosas e de bico muito adunco e cortante.

As Gualterianas são, pois, uma maravilha, porque o povo de Guimarães é essencialmente e estruturalmente bom e acolhedor. Os apitos das suas fábricas casam-se muito bem com os repiques festivos dos seus sinos, e os seus operários manejam com igual habilidade o tear que lhes dá o pão, e o terço que lhes dá a paz. E precisamente porque é trabalhador, e porque é religioso, o vimaranense recebe de braços abertos a todos os que no decorrer das festas têm o bom gosto de acudir a admirá-las e a abrilhantá-las com a sua presença e com as suas palmas e os seus vivas.

Com um cenário assim, com uma atmosfera assim acolhedora e simpática, não é de estranhar que as multidões cheguem ofegantes e ansiosas nos combóios, nas caminhetas, nos carros ligeiros, e sobretudo a pé. Desta vez havia até visitantes estrangeiros, segundo vi nos jornais; e *portugueses do Brasil* (passe o termo) devia haver muitos, pois a cada canto apareciam luxuosos carros com o dístico: *Distrito Federal.*

Embora eu não visse tudo, sei que tudo correu às mil maravilhas.

As iluminações foram um assombro de bom gosto e beleza. Principalmante o Toural fez jus a grandes elogios e aplausos, não só pelas decorações e iluminações do Largo, que eram magníficas, mas sobretudo pelas iluminações da parte onde alinham os Cafés: essas eram deslumbrantes, não pelo número dos lumes e lâmpadas, mas pela graciosa e mimosa disposição delas; havia muitas lâmpadas coloridas, entremeadas com as outras. A Rua de Paio Galvão e a de S. Dâmaso foram também muito felizes nas decorações e nas iluminações; a de S. Dâmaso chamou lá muita gente com o soberbo e simbólico escudo que estava encostado à Casa dos Pobres.

A procissão foi também um número cheio. Destacou-se sobretudo pela boa disposição e ordem com que percorreu as ruas da cidade. Os *anjinhos* eram numerosos, sobressaindo todos pelos seus vistosos e preciosos vestidos. A banda espanhola deu um grande brilho à procissão, notando-se muito a sua disposição em filas separadas, de 9 a 10 músicos cada uma.

Número cheio, disse eu, e não retiro a palavra. Pode noutra parte fazer-se procissões com mais pessoal e com mais luxo: com tanta ordem e aprumo, não vi ainda nenhuma. E o povo todo se compenetrou do seu dever e da sua obrigação, alinhando delicadamente nos passeios. Nem tampouco se notou o triste e desairoso espectáculo, vulgar noutras partes, de mães que não se resignam a deixar de acompanhar os seus *anjinhos*, estragando e baralhando tudo.

Da Marcha, só direi que fica muito bem aqui o velho prológuio latino: *Finis coronatopus.* Foi condigno fecho de tantas belezas e maravilhas. Só alguns lhe notaram um defeito: sair tarde demais. Mas isso justifica-se em certo modo, porque os membros da Comissão também tinham à sua conta a Tourada, que acabou muito tarde...

E agora lembramos uma coisa.

ASPECTOS DO REGIMENTO 20 HÁ 50 ANOS

VII

Já cá fora a «canalhada» de ali em volta, futuros aprendizes de música e corneteiros em perspectiva, gente do lado da Arcela e Cano, lavradores que passavam da Madre-de-Deus, esperavam a saída da tropa.

As praças da guarda de polícia já estavam preparadas para acorrer ao lado da sentinela, na formatura de continência às tropas que iam sair, logo que esta bradasse «às armas», geralmente advertida por um camarada impaciente — «*breda* 29, *breda* agora», e que punha toda a chança no esganiçado e prolongado apelo, logo abafado pelo estrondo da marcha executada pela Banda.

«Braço arma», comandava o sargento da guarda, continência que era correspondida sucessivamente pelas várias fracções que iam desembocando do corredor de saída.

A garotada tomava posição à frente e aos lados da Banda e do terno de corneteiros, sendo estes os mais admirados, e o povo seguia na cauda, depois de lançar os olhos ao garbo de um ou outro filho que marchava, todo empenhachado e enchouriçado, ao lado dos seus companheiros.

Seguia pelo Carmo, rua de Santa Maria, que ocupava em toda a largura, e desembocava no Largo da Oliveira, tomando posição desde a rua da Rainha, da loja do Lial, até à Câmara, com a frente para a Colegiada.

A'queia hora já o largo estava atacado de gente, gente nas arcadas, gente debaixo da Câmara, gente até à S.ª da Guia e largo de S. Tiago, de tal forma que toda aquela multidão dava um aspecto de tal amplidão ao largo, que presentemente é difícil de conceber como os meus olhos de criança viam essa imensidade, que não encontro quando por lá passo e me lembro desse acontecimento e de outros semelhantes, mesmo contando ainda com o tanque que desapareceu.

Iam atravessando o largo os vereadores da Câmara, de casaca e facha, as várias Confrarias, o Juiz, o Delegado, Associações, altos personagens, todos a pé, porque naquele temqo nem havia automóveis, nem para estas cerimónias aparecia alguém de carruagem, todos atravessavam confiadamente a massa de povo, sem receio de contágios sociais, ou de se estafarem numa caminhada de alguns centos de metros, nem era necessário regular o trânsito, já de si regulado pela liberdade de cada andar por onde quizesse, e como quizesse, porque se andava naturalmente, quer dizer — a pé.

Lá na igreja já se ia compondo a Procissão, rica de dourados, jóias e relíquias de arte, paramentos e brilhantes indumentárias, em que sobressaíam as batinas vermelhas dos meninos de coro, uma das minhas ambições de então, e as engomadas rendas das alvas dos Cónegos da Colegiada, as casacas, as comendas e as fachas azuis e brancas dos vereadores.

Pouco depois surgia das arcadas da Câmara, vindo de uma capelinha do edifício do Tribunal, a Imagem de S. Jorge a cavalo e levado à rédea e sustido por três lacaios agaloados, com as cores de uma família fidalga de Guimarães, seguido do seu *Estado-Maior* constituido por cavalos à redea ricamente ajaezados e com xairéis arrendados, ostentando os brazões de todas as famílias nobres de Guimarães, e os lacaios com librés próprias, não se parecendo em nada com a pelintrice que neste ano vi na mesma procissão.

Realmente, neste ano aquilo, com uns pobres homens a levarem à mão uns cavalicoques, sem as respectivas librés, mais parecia a passagem de concorrentes a um concurso pecuario das Gualterianas, do que o esplendor, o brilho, a riqueza e prosápia com que outrora a fidalguia vimaranense contribuia para o fausto desta procissão.

A tropa então, ao aparecimento da Imagem, executava os movimentos necessários para a respectiva continência, com a prévia disposição de «abrir fileiras», seguida do solene «apresentar armas», numa espectacular manobra de espingarda de grande efeito pela palmada que os soldados davam na bandoleira.

A Banda executava o Hino e a Imagem percorria solenemente a frente da formatura.

As janelas e varandas de todas as casas, desde as do Torquatinho, da minha avó, meu tio Teixeira, sr. António da Assembleia, de outros mais que já esqueci, da Câmara, D. Mariquinhas Pinto até à do Gaspar da Cal, estavam atestadas de senhoras, que nesse dia estreavam as mantas de verão, e das varandas e janelas pendiam as melhores colchas de verdadeiro damasco, muitas delas vindas do Oriente e da India, e não como agora das fábricas da região que, mercê do apurado fabrico e acabamento, imitam perfeitamente as outras.

Quanto a modas, de verão ou de inverno, nunca admirei senão quem as ostentava, por ser este o único atractivo daquelas, de modo que não posso citar outras impressões que não sejam as de que as saias eram quase até ao chão, as cintas muito apertadas — de vespa —, as mangas até às mãos e nos ombros alargadas — de presunto —, as golas até às orelhas e os chapéus enormes, que se seguravam nas amplíssimas cabeleiras por longos alfinetes, alguns até agressivos, a que se chama — pregos.

Os homens eram menos volúveis nas alterações da indumentária, e porisso só àquela distância se podem notar mudanças sensíveis, como o desaparecimento do chapéu de coco, do palhinhas, do Panamá, das camisas de peitos e punhos engomados, estes até postiços, e dos incríveis colarinhos engomados de ida e volta, de uma mão travessa de altura, que talvez mantivessem o corpo mais aprumado, sem estas incipientes corcundas de agora.

Nas ruas já estavam espalhadas as ervas de cheiro que nessa manhã os lavradores das proximidades tinham acarretado com grande chiadeira dos seus carros e distribuido por aquelas casas para servirem de tapete odorífero à procissão.

Todos os que passavam tinham o cuidado de não pisar as ervas e afastavam-se para os passeios a deixarem esse privilégio aos da Procissão, mas agora nesta época de tanto trânsito e de gente tão apressada, e de outra que tem receio de pôr os pés no mesmo chão que a restante Humanidade pisa, as ervas, que tão cuidadosamente a Comissão se lembrou de pedir aos lavradores, foi impiedosa, irrespeitosa e boçalmente pisada e espalhada pelos automóveis que poderiam ter sido desviados do trajecto da Procissão.

Alguns, mas poucos, é certo que se via ser com mágua que passavam por cima das ervas, mas a maioria, como o não faria um labrego da aldeia, esmagava despreocupadamente, e até com enfado, essa homenagem ingénua e enternecedora da Lavoura dos arredores, nem procurando outra via senão aquela por onde podiam ostentar a sua prosápia de andar de automóvel, nesta época em que todo o bicho-careta tem, pelo menos — uma *fragoneta*.

Deixa-se a Procissão a sair da Colegiada, não sem que em antes se não recorde a iluminação que na véspera se fazia em todas as casas por onde ela passava.

Ainda não havia a *eléctrica* e eram umas lanternas, que se adaptavam às varandas, com belas de estearina que iluminavam *feèricamente*, e assim nos parecia, aquelas ruas, a par dos lampiões de petrólio da iluminação municipal, tudo tão deslumbrante para aquele tempo, que em todas as casas se ceava mais cedo para dar um passeio a «ver as iluminações».

Continua.

Jugueiros — Felgueiras,
29 de Julho de 1954.

A. DE QUADROS FLORES.

Para 1955, e afim de evitar este precalço, faça-se a Tourada em dia que não brigue com a Marcha. Ou então, em vez da Tourada, façam um Concurso Hípico, como há perto de 20 anos se fez, e que atrairá gente de muito longe. A Tourada é interessante; mas nem todos podem a ela assistir: os sacerdotes e as religiosas. E ao Concurso Hípico todos podem assistir...

S. A.

Marcha Gualteriana

Recebemos da Comissão da Marcha Gualteriana que foi levada a efeito, com enorme êxito, por ocasião das Festas da cidade, um ofício de agradecimento pelo concurso que o nosso jornal lhe dispensou. Gratos pela deferência.

PORTUGAL

Na afronta dos sicários ao
torrão da India Portuguesa!

Soam clarins de alerta no Oriente,
Vibra indignado o povo português!
O sol se fica rubro no poente,
Nossa alma freme orgulho e altivez!

Soam clarins vibrantes. Prevenção!
Foi violado o torrão de Portugal!
Todos sentem a dor no coração,
Em repulsa sentida, bem geral!

Soam clarins! Unir alas, sentido!
Olhos ao céu, flutua uma bandeira
Do nosso Portugal belo e querido
E seja nele a hora derradeira!

Soam clarins! Em frente pra marchar
Pela Pátria, unidos, sem temor!
Nobre povo, valente — Heróis do Mar!
Morrer na fé cristã, cantando amor!

Soam clarins! Avante!, se troar
O canhão p'la Nação forte, imortal;
Ditosa Pátria, vamos aclamar
O Pendão verde-rubro — PORTUGAL!

Guimarães, Agosto de 1954.

AURÉLIO MARTINS.

Administração local

Continuação da 1.ª página

rio que, sobretudo, as pessoas responsáveis pela Administração Municipal de cada concelho possuam as qualidades precisas para aquele efeito e não se limitem sòmente à satisfação de aquecer o lugar que lhes for destinado à Mesa das Sessões e à obrigação de assinar o livro das Actas ou — o que é mais grave — à intenção de contrariar o dinamismo e a iniciativa de outros.

Não temos em vista especificar casos desta natureza, mas como nos vamos aproximando da data em que serão eleitos os Vereadores efectivos e substitutos das Câmaras Municipais e cujas eleições são feitas pelos Conselhos Municipais, nos termos do art.º 28.º do Código Administrativo, achamos oportunas estas considerações, tanto mais que estes Organismos, dos quais depende a constituição da Vereação do Município, têm obrigação moral e social de escolher pessoas de comprovadas qualidades que possam garantir a eficiência da sua acção.

Em idênticas circunstâncias, devem ser eleitas as Juntas de freguesia, algumas das quais, infelizmente, nada produzem por insuficiência de competência, de iniciativa e de trabalho, comprometendo desse modo o rítmo do ressurgimento nacional, expoente notável de realizações que interessam à vida colectiva da Nação, formada pelos pequenos e grandes aglomerados que lhe dizem respeito.

Eleger pessoas idóneas é, pois, o dever a cumprir.

V. C. A.

Festas da Cidade

Da direcção do Grémio do Comércio recebemos o seguinte ofício, que nos cumpre agradecer:

... Sr. Director do Jornal «Notícias de Guimarães» — Guimarães.

A Direcção deste Grémio do Comércio, tem a subida honra de agradecer a V. ... todas as atenções que se dignou dispensar-lhe antes e durante a realização das Festas da Cidade de Guimarães (Gualterianas), do corrente ano, contribuindo com as notícias insertas no conceituado jornal de que é muito digno Director, fazendo realçar ainda mais o valor daquelas Festas e o nome e prestígio desta Cidade.

Aproveitando o ensejo para apresentar os respeitosos cumprimentos dos membros directivos deste Organismo e as minhas saudações pessoais, me subscrevo de V. ... com a mais elevada consideração

A Bem da Nação

Guimarães, 18 de Agosto de 1954

O Presidente da Direcção

António Emílio da Costa Ribeiro.

Cantinho de... graça

O cabelo do Simplício

A loja está situada numa das mais antigas ruas da cidade. Tem três portas baixitas; dentro, um grande balcão muito luzidio por lhe terem passado durante bastantes anos inúmera fazenda. O estabelecimento parece um museu — tem de tudo, desde os cheviotes até às ratoeiras para ratos e pardais. Uma fila de pião, à laia de iluminação, vai de fora a fora sobre as estantes, onde estão também bujigangas de toda a classe.

Aí vem o patrão. E' o senhor Bernardo. Gorducho, baixote, careca e um pouco estrábico. Vem a palitar os dentes. Estão dois marçanos ao balcão, que ao darem fé da chegada do sr. Bernardo lançaram os braços para cima do balcão e ficaram mais estáticos que os dois faraós do Café Oriental que há um ror de anos estão ali zangados sem falarem para ninguém.

Os marçanos, de caras apalermadas, com o cabelo cortado à escovinha, mãos vermelhuças das frieiras, ali estão pregados.

O sr. Bernardo pigarreia, cospe e com voz de comando brada:

— O Simplício?

Os dois marçanos entreolham-se e continuam parados, mas mais patermas.

— Não ouviram? Onde está o Simplício?

Ora o Simplício é o empregado mais antigo e já é caixeiro, namora a filha do patrão — são já noivos — a Tudinhas anda já a arranjar o enxoval.

Mas o sr. Bernardo gosta muito da isplina, *como ele diz e não lhe cai bem que o seu pessoal não esteja ali atento para o que der e vier.*

Volve a perguntar:

— Raios! Onde está o Simpli..... o sr. Simplício?!

Este Simplício já fora pronunciado com mais brandura, pois ele havia surgido ao fundo da loja a sacudir o guarda-pó.

Então o sr. Bernardo — para não haver quebra de isplina *— dirige-se ao Simplício e pergunta:*

— O sr. Simplício não tem estado aqui?

— Não senhor, eu tenho estado lá dentro a cortar o cabelo.

— O cabelo?! E' boa! Então o senhor corta o cabelo na hora do serviço?

— Senhor Bernardo, ele também me cresce na hora do serviço.

— Sim?!... Mas não é todo.

— Não que eu também não o cortei todo, senhor Bernardo — ainda ficou este que vê.

Ai já Zus!

O Jardim do Toural

Está concluído o trabalho de remodelação do Jardim do Toural, que tem merecido justos louvores de toda a gente.

Estes são particularmente dirigidos ao conhecido e competente técnico sr. Cardoso da Silva, a quem a nossa Câmara Municipal entregou, em boa hora, o encargo da conservação dos nossos jardins.

LIQUIDAÇÃO

Faz-se público de que se recebem propostas em carta fechada até ao próximo dia 25 do corrente mês, para a venda por o maior lanço oferecido dos seguintes objectos pertencentes à antiga (E. T. A.) Escritório Técnico de Arquitectura, a saber:

Uma Grua com elevada altura em lanços, marca «Record»;
Uma Betoneira, marca «Benford»;
Um Vibrador com cabo flexível e com agulha;
Uma Mesa vibradora com moldes;
Dois guinchos com correntes e cabos;
Uma Máquina de garlopa com serras de disco, correias e motor;
Uma Máquina de tirar canais;
Uma Tarracha «Virax»;
Uma chave inglesa;
Um massarico;
Uma Fréseira;
Dois carrinhos de ferro para terra;
Cinco grades de ferro próprias para sacadas;
Madeira usada para prancha;
Diversas varas de eucalipto usadas;
Diversas portas usadas;
Diversas madeiras de castanho, carvalho e pinho em pequenas quantidades (retalhos);
Uma máquina de escrever marca «Underwood»;
Dois estiradores para desenho;
Uma secretária;
Dois ficheiros com gavetas;
Dois bancos;
Uma secretária para máquina;
Dois candeeiros flexíveis, para estiradores.

Parte destes artigos estão patentes na Rua Abade Tagilde, em Guimarães, na antiga oficina de carpintaria, sendo os restantes indicados por pessoa que se encontra na mesma oficina.

Guimarães, 21 de Agosto de 1954.

550 *O Procurador.*

O castro de Cárcoda

O professor Manuel Tavares, publicará dentro em breve na revista regionalista «Beira Alta», um artigo sobre o castro de Cárcoda, Carvalhais, S. Pedro do Sul. E' um caso que muito interessa a arqueologia vimaranense pois o ilustre professor, com um pequeno auxílio da Câmara e como membro da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia, desentulhou duas casas e verificou que as paredes são construidas com pequenas pedras, bem assentes em barro cinzento e com o fundo de terra batida. Uma é perfeitamente circular, medindo cinco metros de diâmetro. Outra é oval e tem cinco por três metros. «Pelo jeito arcado que leva, à superfície, uma parede dessas casas parece que devia fechar em abóbada».

Verificou também o professor Manuel Tavares que, em algumas partes, essas paredes sobem ainda a uma altura superior a 1,80 m.

E' um caso idêntico ao da casa redonda descoberta na Citânia de Briteiros, em 1945, pelo escultor António de Azevedo, que nessa altura publicou um artigo na «Revista de Guimarães» em que sustentava que as casas redondas fechavam em cúpula pelas conclusões a que chegou depois de bem observar as aduelas dessas casas, que não só apresentavam a curva circular da planta como a curva da sua elevação em arco quebrado.

Este assunto foi versado na sessão do Congresso Espanhol de Arqueologia realizada em Guimarães, em que o jovem arqueólogo espanhol Monteagudo concordou com as conclusões a que chegou o escultor António de Azevedo.

Homenagem ao Dr. Nuno Simões

No dia 25 de Julho, os Corpos Gerentes e o comando da Associação dos Bombeiros de Favaios, acompanhados por delegados de todas as entidades representativas daquela localidade, dirigiram-se às Pedras Salgadas, onde o ilustre Economista e Homem de Letras se encontra a descansar, na sua vivenda daquelas termas, para lhe agradecer todos os benefícios que aquela Corporação deve ao sr. Dr. Nuno Simões.

Em casa do ilustre Homem Público, o presidente da Direcção dos Bombeiros de Favaios, sr. Carlos Amorim, depois de expor as razões que ali os levava, referiu-se aos favores que aquela Corporação tem recebido, por intermédio do sr. Dr. Nuno Simões, destacando em seguida as suas elevadas qualidades de Homem de Bem e Homem Público sempre muito respeitado e admirado tanto em Portugal como no estrangeiro, especialmente no Brasil.

Depois do homenageado ter sido mais uma vez enaltecido pelas suas nobres qualidades, foi-lhe entregue o diploma de *sócio honorário* da Associação dos Bombeiros, a primeira distinção concedida em quarenta anos de existência. O diploma foi lavrado em pergaminho, contido em pasta de camurça com incrustações de prata e um objecto de arte a testemunhar os agradecimentos de todos os favaienses.

O homenageado agradeceu a gentileza com que o quiseram distinguir.

O sr. Dr. Nuno Simões foi calorosamente saudado pela assistência.

Daqui e embora tarde o saudamos também afectuosamente.

UM NOVO APELO

O operário António da Costa Macedo, de 18 anos, cortador de calçado, filho do sr. Simão José de Macedo, morador na rua Nova (R. Egas Moniz) foi submetido, em Braga, numa casa de saúde, a uma melindrosa operação e não tendo recursos para custear a mesma, pede-nos para que solicitemos aos nossos leitores seu valioso auxílio.

Pode ser procurado na referida rua.

No Meu Cantinho

No domingo, dia 15.

Li, quase por inteiro, o meu *S. M.* e o nosso *A. L.*

Fiquei, logo, cansadote.

* * *

Eu tenho a paixão do Garibáldi.

Onde ficará Sergude?

Lá pràs bandas de Felgueiras?

Não gostei da primavera com minúscula.

Sempre fui coca-bichinhos.

GERESINO.

Carta a uma Senhora

Minha Senhora

Quando penso na grandeza e na objectividade da Caridade do Benemérito P.e Américo, o cenário sublime e grandioso da sua Obra projecta-se no meu coração e na minha alma. O seu Apostolado de verdadeira sentimentalidade humana não só procura regenerar os jovens que se precipitam no abismo da degradação moral, mas também tem em vista proporcionar conforto e alegria a outras vítimas da adversidade, quer matando-lhes a fome, quer dando-lhes um modesto lar onde possam comer um caldo quente e abrigar-se das intempéries do tempo. Como vê, minha Senhora, trata-se de uma maravilhosa Cruzada de Amor e de virtude cristã perante o nosso próximo, razão por que o seu fruto, abençoado por Deus, se torna cada vez mais abundante em benefícios espalhados por várias terras. Enquanto houver miséria, com o seu cortejo de famintos, andrajosos e chaguentos seres humanos, nenhum povo poderá ufanar-se de ser detentor de uma civilização perfeita e completa. Pelo contrário, enquanto semelhantes nossos cobrirem o corpo com farrapos e andarem a estender as mãos à caridade, não poderemos dizer que vivemos no século das luzes, a não ser para aqueles que encontram na miséria panoramas que encantam e seduzem. Eu, pela parte que me diz respeito, desejaria não ver um único semelhante transformado em farrapo humano e estou certo de que o mesmo dirá V. Ex.ª por seu lado. Bem haja, por isso, o benemérito P.e Américo, exemplo de virtudes que cativam a simpatia dos seus muitíssimos admiradores e que conquistam as graças e bênçãos de Deus. Não estranhe, minha Senhora, o assunto desta carta, que apenas tem em vista estimular a generosidade de todas as pessoas que vêem num mendigo um escravo do seu destino. Sim, minha Senhora, porque o destino pode ser sempre tempestuoso e para o pobre que assim viver e assim morrer, a bonança só lhe chegará com a morte, porque será com ela que terminarão as suas torturantes agruras da vida.

Com isto, subscrevo-me

De V. Ex.ª
Agosto de 1954 cd.º ven.or e obg.º
X.

Cruzeiro da FNAT à Madeira

Tem despertado o maior interesse esta viagem da FNAT à nossa Ilha do Atlântica, que representando um autêntico cartaz turístico para os estrangeiros, é infelizmente ainda tão pouco conhecida dos continentais.

O objectivo da FNAT, fretando o paquete «Moçambique» para este cruzeiro, foi exactamente o de proporcionar mais esta oportunidade, por um preço acessível, de visitar a nossa terra, cujas belezas naturais em nada desmerecem em comparação com o que de melhor há lá fora.

Colabora nesta iniciativa o Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo, que decorou uma das suas montras com um cartaz alusivo a esta viagem.

O pagamento está previsto em prestações, sendo o sinal no acto da inscrição 25 % do valor da viagem.

As informações podem ser pedidas para a FNAT, para o SNI, delegações distritais da FNAT e Agências de Turismo.

ARTIGOS MILITARES
(USADOS)

Botas, roupas em cotim ou mescla, polainitos e polainas de cabedal e muitos outros artigos devidamente reparados próprios para operários e trabalhadores.

Retalhos de cabedais diversos e calçado para enchimentos. Bons preços para revenda. Aceito comissionista para os mesmos artigos. José Vicente, Rua dos Corvos, 28 — Alfama — Lisboa. 545

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 21, a sr.ª D. Júlia da Conceição Mesquita de Andrade Brites, esposa do nosso bom amigo sr. João Luís Pereira Brites; no dia 24, a sr.ª D. Isabel Maria de Sousa Guise Figueiredo, esposa do nosso prezado amigo sr. Fernando Figueiredo, e o nosso bom amigo e conceituado industrial sr. Domingos André de Magalhães; no dia 25, as sr.as D. Elvira Saraiva Jordão, esposa do nosso bom amigo sr. Fernando Lage Jordão, e D. Maria Elisete Dantas Gonçalves e o nosso amigo sr. José de Freitas; no dia 26, os nossos bons amigos srs. Francisco de Matos Chaves, Fernando Augusto Teixeira e Heliodoro de Freitas Guimarães; no dia 27, as sr.as D. Maria Júlia Cabral Ferra e D. Josefina Mendes de Carvalho; no dia 28, o nosso bom amigo sr. Fernando Lobo Neves Pereira; no dia 29, os nossos prezados amigos srs. Casimiro da Silva Lopes e Alfredo Faria Martins e mademoiselle *Maria Manuela da Silva Carvalho, filha do nosso prezado amigo sr. Manuel Joaquim Pereira de Carvalho.*

«Notícias de Guimarães» *apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.*

*

Completou seis risonhas primaveras a menina Maria de Fátima Lima Pires, estremecida filhinha do nosso bom amigo sr. José Luís Pires e de sua esposa a sr.ª D. Cacilda Lima Pires.

Muitos parabéns.

CASAMENTO

No Mosteiro de Leça do Balio, consorciaram-se, no penúltimo sábado, dia 14, o distinto clínico sr. dr. Alberto Manuel de Campos Moreira Sampaio, filho do sr. dr. Francisco Moreira Sampaio, antigo e ilustre director da Secretaria Notarial desta Comarca e de sua esposa a senhora D. Inácia Leite de Campos Sampaio, e a senhora D. Elisa Prazeres Mendes da Cunha Mesquita, gentil filha do sr. Joaquim Mendes da Cunha e de sua esposa a senhora D. Elisa Sofia de Mesquita Guimarães Cunha, de Vila Nova de Famalicão.

Foram testemunhas do acto, que decorreu num ambiente de muita intimidade, os pais dos noivos, assistindo outras pessoas de suas famílias.

Os noivos têm andado pelo sul do País em viagem de núpcias.

Desejamos-lhes as maiores venturas.

Partidas e chegadas

Encontra-se em Melgaço, a uso de águas, o nosso prezado amigo sr. dr. Augusto Ferreira da Cunha, ilustre Presidente da Câmara Municipal.

— Acompanhados de suas esposas sr.as D. Sílvia Penafort Miller Guerra e D. Maria José Penafort Campos e Matos, ausentaram-se para o estrangeiro os nossos bons amigos srs. Francisco Guilherme Miller Guerra e dr. Abel de Campos e Matos.

— Com sua família partiu para S. Martinho de Dume o nosso prezado amigo e distinto Professor do Liceu sr. dr. Joaquim de Oliveira Torres.

— Encontra-se a veranear em Miramar a sr.ª D. Lina da Silva Leite Guimarães.

— Com sua esposa esteve nesta cidade, seguindo para Chaves, o nosso prezado amigo sr. Carlos Pires Nunes, funcionário superior do Banco Nacional Ultramarino, a quem tivemos o prazer de cumprimentar.

— Com sua esposa regressou de Monção a Viana do Castelo o nosso prezado amigo sr. capitão Manuel de Jesus Rebelo da Cruz.

— Com suas esposas têm estado a veranear na Povoa de Varzim os nossos bons amigos srs. Antero H. da Silva, Alberto Passos Mendes de Oliveira e Manuel Gonçalves da Cunha.

Cumprimentámos nesta cidade os nossos prezados amigos srs. A. L. de Carvalho, nosso ilustre colaborador e capitão José Guedes Gomes, de Fermil de Basto.

— Encontram-se a veranear com suas famílias, em Fão, os nossos bons amigos srs. António Lage Jordão e Camilo de Cintra Penafort e na Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. Eduardo Lemos Mota.

— Com suas famílias estão a veranear na Póvoa de Varzim os nossos bons amigos srs. Augusto de Aguiar e José Martins Vitorino.

— A gozo de férias encontra-se na Livração o nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. Domingos Soares.

— Com suas famílias estão a veranear na Póvoa de Varzim os nossos bons amigos srs. José Marques de Macedo, Alexandre Rodrigues de Figueiredo, Fernando Lage Jordão, Egídio Alvaro da Costa Pinheiro e Francisco Correia Pinto Lisboa.

— Com sua família tem estado a veranear na Figueira da Foz o nosso prezado amigo sr. eng.º José Matos Cardoso.

— Com sua família partiu para a Praia d'Aguda o nosso bom amigo sr. José Laranjeiro dos Reis.

— A uso de águas partiu para a Curia o nosso prezado amigo sr. António Martins Ribeiro da Silva, conceituado industrial.

— Com sua família está a veranear na Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. dr. António P. L. de Magalhães Couto, da Casa de Junfe, da Longra.

— Com sua família tem estado a veranear na Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. José Machado Teixeira.

— Com sua família encontra-se a veranear em Cete o nosso prezado amigo sr. Prof. Joé Neves.

— Acompanhado de sua esposa sr.ª D. Maria Beatriz Paiva Pimenta Martins da Silva, partiu para Mondariz (Espanha) o sr. Artur Martins da Silva.

— Tem estado a veranear em Caldelas o nosso prezado amigo sr. José de Oliveira, funcionário do Banco Nacional Ultramarino.

— Com sua mãe e irmã encontra-se a veranear em Taboadelo o nosso bom amigo sr. Fernando Lobo Neves Pereira.

— Com sua família partiu para as suas propriedades de S. Martinho do Campo o nosso prezado amigo sr. Manuel da Cunha Ferreira.

— Vindo de Angola, onde dirige a Missão Católica do Casambo, no alto Zambeze, tem estado entre nós o nosso prezado amigo sr. P.e Dâmaso de Magalhães Vieira, a quem cumprimentámos.

— Com sua família encontra-se a veranear nas suas propriedades em S. Torcato o nosso prezado amigo sr. António Maria Baldaque de Oliveira Lobo.

— Partiu para a Suíça o nosso prezado amigo e distinto clínico sr. dr. João Afonso de Almeida.

— Partiu para Espanha o nosso bom amigo sr. António Fernandes.

— Com sua família tem estado a veranear em Espinho, o nosso querido amigo sr. dr. Francisco Moreira Sampaio.

Doentes

Encontra-se a tratar da sua saúde no Hospital de Santa Maria, no Porto, o nosso ilustre conterrâneo e venerando bispo de Angra do Heroísmo Rev.mo Senhor D. Guilherme A. da Cunha Cuimarães.

— Continua doente o nosso prezado amigo sr. Jerónimo da Costa Sampaio.

— Encontra-se em Riba d'Ave a convalescer duma grave enfermidade, o nosso prezado amigo sr. Abílio Ferreira da Silva.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

D. Maria Maximina Caldas Fraga

Na sua residência, à rua das Trinas e contando 81 anos, finou-se na 2.ª-feira a sr.ª D. Maria Maximina Caldas Fraga, esposa do sr. capitão Duarte Ferreri de Gusmão Sousa Fraga, mãe do sr. Francisco Pedro de Jesus da S. Caldas Ferreri de Gusmão Sousa Fraga e irmã do sr. dr. Pedro Guimarães, médico-cirurgião, residente no Porto.

O seu funeral, que teve numerosa e selecta assistência, realizou-se na quarta-feira, do templo da Misericórdia, onde foi celebrada a missa e os ofícios fúnebres, para o cemitério municipal.

Os nossos pêsames à família dorida.

D. Gracinda Rodrigues de Oliveira

Contando 27 anos faleceu em S. Martinho de Candoso a sr.ª D. Gracinda Rodrigues de Oliveira, casada com o sr. Carlos Salgado Guimarães e filha do industrial sr. José Rodrigues e de sua esposa a sr.ª D. Emília de Oliveira, tendo-se realizado o funeral na 4.ª-feira naquela freguesia.

A extinta deixa quatro filhinhos na orfandade.

Os nossos pêsames à família dorida.

Vida Católica

Imponente Procissão da Padroeira

Depois de uma imponente Vigília que durou toda a noite de sábado para domingo e na qual tomaram parte milhares de fiéis da cidade e seus arredores, efectuou-se no domingo à tarde uma grandiosa Procissão de Penitência, com a imagem da Padroeira, que, por entre fervorosas preces e cânticos, recolheu à sua igreja, onde, seguidamente, houve uma patriótica alocução e a bênção do SS.mo Sacramento.

Deste modo os vimaranenses fizeram coro com Portugal inteiro a implorar a protecção divina para a nossa Pátria e renderam preito da sua homenagem de fidelidade e gratidão à excelsa Raínha da Paz.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Barbosa, ao Largo do Toural, Telef. 40184.

Desastre — Morte

No lugar do Castanheiro, freguesia de Urgeses, próximo desta cidade, o ciclista Joaquim Pereira, casado, de 41 anos, da freguesia de Nespereira, embateu contra uma camionete de passageiros, da Empresa Auto-Mondinense, L.ª, conduzida pelo motorista José Maria Carvalho, solteiro, de 31 anos. Do embate resultou a morte do ciclista, sendo o motorista preso e entregue ao Poder Judicial.

BRANCAS

A acreditada Água de Colónia

Min-Hór

faz regressar, em poucos dias, os cabelos à cor que tinham de antes. Este maravilhoso efeito é devido à acção do oxigénio do ar sobre o pigmento capilar, combinado com princípios essenciais de

MIN-HÓR

Usa-se como uma loção ao pentear-se.

LIMPO, SIMPLES, SEGURO.
NÃO É TINTURA.

280

Vende-se na

FARMÁCIA "HÓRUS" — GUIMARÃES

Trespassa-se em Guimarães, um estabelecimento industrial, no centro da cidade, podendo ser adaptado a outro negócio. 334

Dos Livros

Amanhã... às Dez = Romance de *Leyguarda Ferreira.*

No seu novo romance «Amanhã... às Dez» — o décimo primeiro da sua autoria — dá-nos Leyguarda Ferreira mais uma prova do seu inegável talento, das suas faculdades de escritora.

O seu estilo vigoroso e fluente, mas ao mesmo tempo simples e despretencioso, prende e subjuga.

As suas personagens, cuidadosamente desenhadas, são arrancadas à vida e não meras figuras novelescas, evolucionando num mundo de fantasia.

Este romance, como todos os da mesma autora, não sendo realista na verdadeira acepção do termo, é real, oferece-nos quadros palpitantes de verdade que são observados e prescritos com ternura verdadeiramente feminina, leve ironia e até certa profundidade filosófica. Nas suas páginas paira um perfume de comovente generosidade, as cenas impressionam, dão-nos lições de abnegação, sacrifício, de grandeza moral que dignificam.

Acima de tudo, «Amanhã... às Dez» é um romance bem português, pelo ambiente e pela nobreza dos caracteres que nos apresenta.

Torna-se um pouco difícil, sem adulterar a realidade, escrever romances que sejam o reflexo da vida boa e sã, sem complicados estudos psicológicos ou conflitos de duvidosa moralidade, assentes em conceitos elevados.

Leyguarda Ferreira conseguiu-o. O seu romance é um destes livros que se lê com crescente interesse da primeira à última página e que, ao concluí-lo, se fecha com uma sensação de calma suavidade e de confiança. E' um livro que nos reconcilia com a humanidade.

Edição bem apresentada (Colecção Azul) da Livraria Romano Torres.

Notícias de Guimarães n.º 1180 -- 22-8-1954

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

1.ª publicação

Pela 1.ª secção do 2.º Juízo da comarca de Guimarães correm éditos de 20 dias, a contar da 2.ª publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos das executadas Luísa Cândida Lemos de Almeida, viúva, proprietária — Maria Fernandes Almeida Mendes, solteira, maior, proprietária, ambas da rua de Santa Maria — e Maria das Dores Fernandes Mendes, solteira, maior, proprietária, da rua de Gil Vicente, todas desta cidade para, no praso de dez dias, depois de findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução hipotecária que contra as mesmas executadas movem Manuel Carlos Guimarães Ayres de Azevedo, solteiro, maior, da cidade de Aveiro e Fernando Guilherme Guimarães Ayres de Azevedo, que também usa o nome de Fernando Ayres, casado, desta cidade.

Guimarães, 26 de Julho de 1954.

O Juíz de Direito, 342
Valdemiro Ferreira Lopes.

O Chefe de secção,
Albino Leite da Silva.

Notícias de Guimarães n.º 1180 -- 22-8-1954

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

1.ª publicação

Faz-se público que pelo Primeiro Juízo da Comarca de Guimarães e 1.ª secção da respectiva Secretaria, nos autos de execução sumária que A. Correia de Azevedo, casado, comerciante, morador na Rua Adriano Pinto Bastos, da vila e comarca de Vila Nova de Famalicão, move contra José de Oliveira, casado, comerciante, do lugar da Feiteira, freguesia de São João de Airão, desta comarca, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos deduzirem os seus direitos na mesma execução.

Guimarães, 8 de Julho de 1954.

O chefe da 1.ª secção,
Alberto Fernandes Carreira.

Verifiquei.

O Juíz de Direito, 349
do 1.º Juízo,
Adriano Filipe Afonso.

Notícias de Guimarães n.º 1180 -- 22-8-1954

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

2.ª publicação

Faz-se público que pelo Juizo de Direito, Primeiro de Guimarães e 1.ª secção da respectiva Secretaria, nos autos de execução sumária que Francisco Pinto Lisboa, Sucessor, com sede no lugar de Pevidém, freguesia de São Jorge de Selho, desta comarca, move contra António Monteiro Duarte, Limitada, sociedade por cotas de responsabilidade limitada, com sede nas Caldas da Rainha, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos desta executada, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos deduzirem os seus direitos na mesma execução.

Guimarães, 30 de Julho de 1954.

O Chefe da 1.ª secção
Alberto Fernandes Carreira.

Verifiquei.

O Juiz de Direito, 333
do 1.º Juízo,
Adriano Filipe Afonso.

Ofertas e Procuras

CASA *VENDE-SE* Com rés-do-chão e dois andares e quintal que produz em média 5 pipas de vinho.

Tem telefone e luz eléctrica. Situada junto da estrada. Lugar das Quintães — Serzedo.

Para tratar: na mesma, ou por favor em Guimarães **Manuel Fernandes Carneiro.** 327

Precisa-se de um afinador de teares mecânicos que saiba afinar «Jakuard». Falar na fábrica de Augusto Luciano Guimarães — Guimarães.

Bicicleta com motor

Usada, em bom preço, VENDE-SE. Nesta Redacção se informa. 346

Alvarás para Teares devidamente legalizados.

37 Teares montados, para diversos tipos de Tecidos.

Só alvará para instalar.

João Figueiredo — Santo Tirso — Telefone, 193. 347

Peregrinação pelo Termo de Guimarães

"A história do povo é a história das instituições municipais"

Gama Barros.

A' Ex.ma Câmara Municipal

78) Of. EDUARDO DE ALMEIDA.

II

Com *Mousinho da Silveira* o caso muda de figura, com o corte radical pelo Decreto de 13 de Agosto de 1832, durante o assédio ao Porto, ao declarar extinta a natureza dos bens da coroa, assim como os direitos reais, e revogando os forais e tributos ou pensões foraleiras. Mais uma vez se mexia na chaga viva de uma velha questão (Cortes de Santarém, Coimbra e Evora, várias disposições pombalinas como: alvarás de 16 de Janeiro e 4 de Agosto de 1773 relativos a foros no Algarve, reduzindo-os, Leis de 4-Julho-1768 e 12-Maio-1769; o Alvará de 15 de Março e o de 12 de Junho de 1800, o de 14 de Janeiro de 1807, a Carta Régia de 7 de Março de 1810, a Portaria de 17 de Outubro de 1812, a Lei de 5 de Julho de 1822, elaborada nas Constituintes, o Alvará de 14 de Janeiro de 1825, etc....). Agora, intervenção cirúrgica, decidida, enérgica. Antes de se reconhecer quanto ao corpo doente da nação beneficiava, tonificando-a em uma das suas principais artérias de vitalidade: as regiões afectadas dos interesses, secularmente estabelecidos e gozados, soltaram clamorosos uivos de lancinante dor e romperam em desbragados impropérios. Jurisconsultos, cônscios da sua dignidade profissional, confessavam que esse Decreto, ressentindo-se da precipitação com que fora elaborado, devia ser visto como um dos mais preciosos benefícios e poderosos meios com que se pretendia melhorar a então desgraçadíssima situação do país.

Observou-se: «O Decr. ofendia grandes interesses, pois ia tocar directamente com pessoas poderosas e influentes por sua posição na sociedade; desfalcava em muito os rendimentos do tesouro; e agravava a penúria dos Cabidos. dos Conventos de freiras, dos Hospitais e de outros estabelecimentos públicos ou de piedade...» Parece-me não ter dito ainda que, ao fim, a resolução tomada nas Constituintes de 20 foi a de ser reduzido a metade o encargo das prestações, com o direito de remissão e assim ficara a Lei de 22 de Junho de 1822. Através a tormenta da discussão, o novo decreto de 13 de Agosto de 1832, cuja revogação muitos demandavam, foi «torturado, sofismado e impedido, por diversos modos e pretextos, na sua execução». O mal foi agravado com o edital do Tribunal do Tesouro Público de 4 de Setembro de 1835 com a declaração de que o decreto só era aplicável «aos bens originàriamente da coroa». Era o bastante, como se compreende, para lançar no forense um vasto preamar de pleitos (quais os bens originàriamente da coroa? quais os incorporados? como provar o «originàriamente» e como provar a incorporação? que natureza atribuir aos bens doados? eram estes abrangidos no decreto?...), além de que a própria resolução foi, por sua vez, atrozmente sofismada e torturada e até mesmo desviada do objectivo que se propunha, ficando anuladas as intenções do decreto quanto aos gravados com foros, censos e pensões, impostos em bens da coroa, como «muitos e muitos enfiteutas e pensionados até com direitos e tributos, impostos por foral sobre os frutos da terra, repelidos de gozar dos benefícios concedidos». As Câmaras (Pares e Deputados) empenharam na solução do caso, cada vez mais intrincado, a atenção das comissões. A tentativas de remedeios provisórios, calmantes, se deitou a mão, entretanto, com o Decr. de 27 de Novembro de 1835 e 15 de Janeiro de 1837, assim como em certas disposições da Novíssima Reforma Judiciária pela Carta de Lei de 28 de Novembro de 1840.

Este pequeno episódio económico e jurídico vem-se esfiando no drama mais intenso talvez, e seguramente o mais perturbante e doloroso, da história nacional, cujo agitado refluxo perdurou por muitos anos fora. (O século já nascera confuso e incerto. A revolução francesa marcara, como escreveu quem tinha autoridade para o fazer, um novo período «climatérico na vida da sociedade europeia». E, depois, vieram logo as incursões dos soldados napoleónicos com os seus Marechais). A independência do Brasil (acto legítimo de emancipação que é honra e glória da nossa obra humana de colonizadores) pela sua projecção na vida portuguesa (até mesmo individual e doméstica), D. João VI, D. Pedro e D. Miguel, as Constituintes de 20 e 35, as Constituições e a Carta e suas Reformas, as Revoltas e Contra-Revoltas, Absolutismo e Realismo, Cacete e Forca, Infantes e Duques, Liberdades individualistas e Liberdades democráticas, Corcundas e Malhados...

Mousinho da Silveira, extintos os dízimos pelo Decreto de 30 de Julho, pensou noutra medida enquanto às terras dos forais, «de uma transcendência superior», em que se propunha, como ele o declara no relatório, «aumentar a massa dos bens alodiais e a acabar com a natureza de bens destinados a tolher o nascimento da elevação moral». Reconhecia que «por intervenção dos forais, algumas terras melhor foram aproveitadas», mas «quando os jornais dos trabalhadores se fizeram caros e quando novos tributos apareciam, a sua agricultura não podia continuar e muita da já concluída foi completamente abandonada». Assim o pensara e dissera o grande *Fernandes Tomás* (a quem *Garrett* consagra — «salvou a Pátria e morreu pobre»).

Continua.

A SITUAÇÃO DOS CAIXEIROS DE MERCEARIA

Recebemos do Sindicato N. dos Caixeiros o seguinte ofício:

... Sr. Director do Jornal «Notícias de Guimarães» — Guimarães.

... Senhor

Com os nossos respeitosos cumprimentos, vimos pelo presente levar ao conhecimento de V. ... que, esta Direcção, em sua última reunião, resolveu dirigir-se à Imprensa local e correspondentes dos jornais diários, acerca do seguinte.

Este Organismo Corporativo, dentro da esfera de acção que a Lei lhe confere, procura presentemente, junto dos poderes Públicos defender e acautelar a situação dos seus representados do ramo de mercearia, actualmente bastante precária e de más perspectivas para o seu futuro, em virtude do grande número de estabelecimentos daquele ramo que constantemente abrem ao público, na maior parte dos casos explorados por pessoas que nunca praticaram naquela especialidade, o que muito prejudica aqueles que, desde pequenos, abraçaram aquela carreira comercial.

Assim e com o intuito de assegurar o dia do amanhã daqueles que ao referido ramo dedicam a sua actividade, oficiamos a Suas Ex.as os Srs. Ministros das Corporações e Economia Nacional, solicitando-lhes a determinação das medidas mais convenientes no caso.

Tratando-se como se trata de um assunto de grande projecção e de interesse geral, igualmente nos dirigimos a todos os Sindicatos congéneres do País, pedindo-lhes o seu necessário apoio a esta nossa atitude, a qual tem sido bem compreendida por todos.

Tais provas de solidariedade como as que temos recebido, só nos vem encorajar e incitar ao prosseguimento da missão a que, na justa defesa dos direitos daqueles profissionais, nos propusemos levar a efeito.

Nesta conformidade e sendo nosso desejo que este assunto tenha o devido conhecimento de todos os interessados, o que reconhecemos só ser possível através da Imprensa, permitimo-nos incluso remeter, para conhecimento e efeitos que V. ... se digne julgar convenientes, uma cópia da exposição que enviamos ao Ministério das Corporações e Previdência Social, cujo texto é idêntico à enviada ao Ministério da Economia Nacional.

Sem mais de momento e com a renovação dos nossos cumprimentos, subscrevemo-nos com toda a consideração e elevado apreço.

A bem da Nação

Pela Direcção,

O Presidente

a) *Amadeu Guimarães.*

Sr. Ministro das Corporações e Previdência Social — Lisboa.

Excelência

O Sindicato Nacional dos Caixeiros do Distrito de Braga Secção de Guimarães, como legítimo representante das classes trabalhadoras no Comércio do Concelho de Guimarães, permite-se muito respeitosamente vir junto de Vossa Excelência expôr a precária situação em que presentemente se encontram os caixeiros de mercearia, não só deste concelho como também de todo o País.

Pelas actuais facilidades na concessão dos respectivos alvarás, antevêm aqueles profissionais o difícil futuro que os espera, se medidas não forem tomadas no sentido de se debelar tal situação e, assim extinguir-se as causas que ensombram o seu futuro.

Excelência

Actualmente qualquer pessoa, sem um mínimo de habilitações profissionais e sem qualquer conhecimento para o patronato, obtem com relativa facilidade o alvará de mercearia.

Beneficiando de tais facilidades, verdadeiros oportunistas e ineptos, têm vindo a estabelecer-se naquele ramo, resultando daí que todas as cidades, vilas e aldeias estejam enxameadas de mercearias e merceeiros — se assim pode chamar-se a tantos que pela sua incivilidade, vêm fazendo o descrédito dos verdadeiros profissionais, patrões e empregados —, colocando-os numa situação que vai já sendo desprezada e que se vai desenvolvendo na proporção dos alvarás que forem passados nas actuais circunstâncias.

O caixeiro profissional, depois de tantos anos de labuta no balcão servindo o público constante e conscientemente, ao atingir o momento de poder estabelecer-se, não o poderá fazer, visto que todos os lugares ou ruas, estarão ocupados por esses merceeiros de ocasião.

Esse caixeiro que praticou na especialidade, que conhece o artigo, que aprendeu a servir o cliente e a tratar com ele com toda a educação e respeito, será preterido por uns tantos oportunistas que consciente ou inconscientemente atentam todos os dias contra o brio dos verdadeiros profissionais.

O caixeiro profissional, se vencer nessa luta entre o oportunista e o prático, será ainda, por via dele, um merceeiro, não o homem probo e honesto que se fez a si próprio, serviu proficientemente o público e honrou o seu comércio, mas sim um merceeiro à imagem do que o oportunista está a fazer criar e desenvolver na mentalidade do Povo.

Excelência

E' na verdade, uma triste e penosa herança que está destinada aos caixeiros de mercearia, se Vossa Excelência Sr. Ministro, não determinar medidas urgentes e concisas que condicionem a concessão de alvarás.

O brio próprio dos caixeiros de mercearia assim o exige para que o Governo e o Público tenham mais confiança neste ramo de comércio e nos homens que o desenvolvam.

Conhecedores da especialidade em virtude de tantos e tantos anos de prática, os profissionais de mercearia pretendem Sr. Ministro que sòmente possam chegar ao patronato aqueles que possuam um certo e determinado período de actividade prática pois que só assim poderão desenvolver o comércio de mercearia com conhecimento de causa.

E, assim solicitam a Vossa Excelência se digne condicionar a concessão de alvarás de mercearia, promulgando a criação da carteira profissional e estabelecendo novos requesitos, além dos já existentes.

Dentro, pois, deste plano, permite-se este Organismo Corporativo impetrar de Vossa Excelência o seguinte:

1.º — Que seja criada a carteira profissional que estabeleça a cada caixeiro de mercearia uma situação definida e seja seu garante no futuro;

2.º — Que a concessão de alvarás para estabelecimentos de mercearia obedeça às seguintes condições:

a) O proprietário só poderá ser um profissional de mercearia, com um mínimo de cinco anos de prática nesta especialidade;

b) Que esse período de actividade e prática seja certificado pelo Sindicato dos Caixeiros da respectiva área, com base no que constar da carteira profissional do pretendente;

c) Que sejam cancelados os alvarás dos estabelecimentos de mercearia que fecharem ou forem trespassados para indivíduos que não sejam profissionais e que não se encontrem dentro das condições das alíneas anteriores.

Excelência

A Direcção deste Sindicato Nacional, tendo em vista, como lhe compete e dentro do maior espírito de justiça, a defesa dos legítimos interesses da classe do ramo de mercearia que legalmente representa, espera confiadamente o melhor acolhimento de Vossa Excelência à presente exposição, para assim se assegurar com as medidas sugeridas, o futuro daquela classe, futuro esse que nas actuais circunstâncias se lhes apresenta com sombrias perspetivas.

A bem da Nação

O Presidente da Direcção

a) *Amadeu Guimarães.*

MINHA SENHORA
recomendamos-lhe:
BELL'SKIN
a beleza da pele
A' venda nas farmácias e na CASA DAS GRAVATAS
341

NOTICIÁRIO
do Vitória Sport Clube

A Direcção do Vitória Sport Clube, informa:

Que se encontra aberta na sua Secretaria a inscrição para todos os sócios ou simpatizantes deste Clube, que desejarem praticar futebol da categoria de *Júniores*, dos 17 aos 19 anos.

— Que a entrada nos jogos de futebol, realizados no Campo da Amorosa, dos associados do Clube, só lhes é permitida mediante a apresentação do cartão de sócio com a cota devidamente em dia, ou seja do mês referente ao jogo.

— Que avizinhando-se o início da próxima época de futebol, solicita a todos os associados possuidores do cartão do Clube, e que ainda o não tenham feito, o favor de os entregar aos cobradores ou na Secretaria, a fim de serem actualizados para a época de 1954-55.

— Que até ao próximo dia 31 do corrente mês de Agosto, os possuidores de cartões de «*Livre-Trânsito*» os devem entregar na Secretaria do Clube, a fim de serem substituídos.

— Que as reuniões da Direcção do Clube, durante o mês de Agosto corrente, efectuam-se todas as quartas-feiras, às 22 horas; contudo, todos os dias, à excepção dos domingos, encontra-se na sede um director às ordens dos associados, a fim de atender aos assuntos mais instantes.

— Que esta Direcção deliberou, por motivos de fácil compreensão, efectuar os treinos das suas equipas de futebol à porta fechada.

— Que os bufetes do Campo da Amorosa estão em arrematação para a época 1954/55, recebendo propostas, em carta fechada, até ao próximo dia 30 do corrente.

LOJA DOS TABELADOS
LARGO DA CONDESSA DO JUNCAL
GUIMARÃES
Estabelecimento de fazendas brancas, casimiras e miudezas, bastante afreguesado.
Passa-se em virtude de os sócios não poderem estar à frente do negócio.
Facilita-se o pagamento mediante garantias sólidas.
344

«CARI»
Casimiro Ribeiro
Obras Públicas e Edificações Gerais
TELEFONE 4609 PEVIDÉM End. Teleg. CARI
60

OFICINA DE REPARAÇÕES ELÉCTRICAS
Em INSTALAÇÕES de
AUTOMÓVEIS E ACESSÓRIOS.
REBOBINAGENS DE DÍNAMOS, MOTORES E TRANSFORMADORES ELÉCTRICOS.
RECONSTRUÇÕES DE BATERIAS, etc.
São garantidos todos os serviços por esta casa executados.
Ribeiro de Oliveira & Mendes
LARGO DA REPÚBLICA DO BRASIL, 43 — TEL. 4689
GUIMARÃES
225

Agentes Transitários e Camionistas
Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação.
Sua Recolha ou entrega no Domicílio.
JOSÉ DE MELLO
Casa fundada em 1828
ESCRITÓRIOS: ***Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO***
com ***Armazém de Retem e Depósitos***
(Área coberta: 3.000 metros quadrados.)
EM MATOSINHOS: 12
R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903
Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

PREVENÇÃO
António Pereira Leite de Magalhães e Couto, da Casa de Junfe, Felgueiras, tendo conhecimento que alguém abusou ou procura abusar criminosamente do seu nome, falsificando a sua assinatura, previne todas as pessoas bem intencionadas, de que nunca assinou e jamais assinará, letras ou documentos que envolvam a sua responsabilidade como fiador de quemquer que seja, ainda mesmo que se trate de pessoas de família. Serão entregues à polícia e relegados aos tribunais quem apresente documentos nas condições indicadas.
Gnimarães, 10 de Agosto de 1954.
António Pereira Leite de Magalhães e Couto. 337

FIBRA ARTIFICIAL
PHRIX
8
Agentes-Depositários
WANDSCHNEIDER & C.A, L.DA
R. Cândido dos Reis, 74-2.º
TELEF. {Est. 17 / Comp. 21 404 PORTO

BRIQUETES PEJÃO
INDÚSTRIA — AQUECIMENTO — COZINHA —
A Competidora de Representações, L.da
R. da Rainha n.º 115 — Tel. 4523
GUIMARÃES 299

FLATEVAR
PINTURA MATE LAVÁVEL ANTISSÉPTICA
38 CORES 204
Agente: Domingos Cosme Baptista Vieira
Depositários: João Garcia & C.a, L.da
GUIMARÃES
MÁRIO COSTA & C.A, L.DA
PORTO LISBOA

CASA NA CIDADE.
QUINTA PERTO DE RONFE.
VENDEM-SE
CASA PERTO DA CIDADE.
ANDAR MODERNO NA CIDADE.
ALUGAM-SE
Tratar com ANTÓNIO DE FREITAS, R. da Rainha, 71-A — Guimarães. 343

Para INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS de qualquer género consultem:
J. MONTENEGRO
TUDO PARA ELECTRICIDADE
= ORÇAMENTOS =
Largo 28 de Maio, 78-1.º — Tel. 4510
GUIMARÃES 224

Anuncial no NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

António Ribeiro da Cunha & Filhos, Limitada

Com sede no Lugar de Saganhais — Freguesia de São Jorge de Selho — Concelho de Guimarães —

Faz-se público que, por escritura de vinte e nove de Julho do corrente ano, lavrada por mim notário a folhas noventa e oito verso do meu livro de notas número quatrocentos e oitenta e seis, foi constituída uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada entre António Ribeiro da Cunha, casado, industrial, morador no lugar de Saganhais, freguesia de São Jorge de Selho, deste concelho, João Salgado da Cunha, casado, industrial, José Salgado Ribeiro da Cunha, casado, industrial, Manuel Salgado da Cunha, casado, industrial, Guilherme Salgado da Cunha, solteiro, maior, industrial, Dona Maria de Belém Salgado da Cunha, casada, doméstica, e Dona Maria Adelaide Salgado da Cunha, solteira, maior, doméstica; todos moradores no lugar de Pevidém, dita freguesia de São Jorge de Selho, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro

A sociedade adopta a firma **António Ribeiro da Cunha & Filhos, Limitada**, terá a sua sede e estabelecimento no lugar de Saganhais, freguesia de São Jorge de Selho, deste concelho de Guimarães, e a sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu início desde hoje.

Segundo

O seu objecto é a indústria de tecidos ou qualquer outro ramo de comércio ou indústria que os sócios deliberem explorar.

Terceiro

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de setecentos mil escudos, pertencendo a cada um dos sócios uma quota de cem mil escudos.

Quarto

Não são exigíveis prestações suplementares, mas qualquer dos sócios poderá fazer à sociedade os suprimentos que ela carecer, à taxa de juro legal e nas condições que forem acordadas em assembleia geral.

Quinto

A cessão de quotas, no todo ou em parte, é livremente consentida entre os sócios; para estranhos fica dependente do consentimento da sociedade que terá sempre o direito de preferência.

Sexto

Se algum sócio quiser afastar-se da sociedade terá que comunicá-lo à gerência com noventa dias de antecedência, em carta registada com aviso de recepção e de forma que a saída coincida com o fim do ano social.

Sétimo

A gerência, dispensada de caução e sem remuneração, fica a pertencer exclusivamente aos sócios António Ribeiro da Cunha, João Salgado da Cunha, José Salgado Ribeiro da Cunha, Manuel Salgado da Cunha e Guilherme Salgado da Cunha, que entre si distribuirão os serviços como entenderem; os documentos de mero expediente poderão ser assinados só por um gerente; mas os que importem obrigação para a sociedade serão sempre assinados em nome dela por dois gerentes em conjunto.

Parágrafo único

E' expressamente proibido a qualquer sócio usar da firma social em tudo aquilo que não respeite claramente à sociedade, nomeadamente em letras de favor, fianças, abonações e responsabilidades semelhantes, ficando aquele dos sócios que o fizer responsável pessoalmente pelo que assinar, devendo indemnizar a sociedade pelos prejuízos que lhe advenham com a prática de tal acto.

Oitavo

Em trinta e um de Dezembro de cada ano será dado um balanço e os lucros líquidos apurados, depois de deduzida a percentagem de cinco por cento para fundo de reserva legal, e bem assim quaisquer outras percentagens para outros fundos que os sócios deliberem criar, serão repartidos pelos sócios em partes iguais, e na mesma proporção por eles serão suportados os prejuízos.

Nono

Falecendo ou ficando interdito qualquer dos sócios os respectivos herdeiros ou representante legal, poderão, se quiserem, ficar na sociedade com os mesmos direitos e obrigações do sócio falecido ou interdito, devendo os herdeiros ser representados por um só à sua escolha.

Décimo

Todos os sócios gerentes sòmente poderão empregar a sua actividade na sociedade agora constituida, não lhes sendo, portanto, permitido fazer parte de qualquer outra sociedade, ou exercer individualmente outra profissão nem mesmo a referente ao mesmo ramo de indústria.

Décimo primeiro

No caso de dissolução da sociedade por acordo serão liquidatários todos os sócios que procederão conforme deliberarem.

Décimo segundo

As Assembleias Gerais, para as quais a lei não exija prazos ou formalidades especiais, serão convocadas por meio de cartas registadas, com aviso de recepção, endereçadas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias.

Décimo terceiro

No omisso regularão as disposições legais aplicáveis e especialmente as da lei de onze de Abril de mil novecentos e um.

Entrelinhei: «da Cunha».

Secretaria Notarial de Guimarães, aos 19 de Agosto de 1954.

O Notário, 348

a) **Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas.**

TUBOS GALVANIZADOS!...
Unicos importadores no Concelho: 300
A Competidora de Representações, L.da
Só importamos tubos de parede normal, porque:
Tem mais parede, mais duração e suportam o dobro da pressão.
R. da Rainha n.º 115 — Tel. 4523
GUIMARÃES

CASA ESTRELA
SAPATARIA
Rua de S. Dâmaso, 121-123
Junto à Marisqueira)
185
Consertos e limpesas de calçado
Calçado novo e por medida
Mande consertar calçado nesta Casa.